

MICROSCÓPIO

Mistér não se faz dizer o que é o jôgo. Vemo-lo em ação todos os dias, percebemos-lhes todos os dias os tremendos efeitos. E dos seus malefícios trataram eloquentemente alguns dos maiores escritores da língua portuguesa.

Tempo houve em que, apesar de proibido pelo Código Penal, era livre o jôgo no Rio Grande do Sul. Não interêsses subalternos, senão uma convicção filosófica errônea, mas respeitável, era o que determinava tal licenciosidade.

Hoje, porém, acha-se o jôgo regulamentado em todo o país. Já não é livre, e também não está proibido. Pratica-se sob a vista interessada e vigilante do Poder Público e parece, até, que a sua exploração está sendo grandemente estimulada. Fomenta-se a jogatina, como se favorece a siderurgia ou a cultura do trigo. Constitue já uma grande indústria dirigida e representa, como disseram algumas grandes vozes, uma instituição nacional. A pretexto de turismo — um estranho turismo que tem Montecarlo por inspiração e modelo — grandes capitais se estão empregando na instalação de luxuosos casinos. E, como os espíritos empreendedores geralmente não possuem suficientes recursos para realizar os seus magníficos empreendimentos, às caixas dos Institutos de Previdência tem cabido o honroso papel de financiar a produtiva indústria.

Tão alarmante se tornou a invasão do flagelo, que, já em 24 de novembro de 1942, o arcebispo e os bispos da Província de São Paulo davam o rebate em eloquente Carta Pastoral, que, não sei bem porque, não se publicou na imprensa. Se a conheço, é por ter sido editada em folheto, que há pouco me veio às mãos. É um nobre e corajoso documento, que bem merecera maior divulgação.

A's inquietações e temores do Poder Espiritual, veio juntar-se agora o alarma e a ação decisiva de um órgão do Poder Temporal. O sr. ministro da Guerra, impressionado com a disseminação da lepra, acaba de tomar algumas providências destinadas a preservar os militares.

Não se lhe podem regatear juvones, mas não se pode também deixar de observar que impossível será levantar uma barreira que preserve as classes armadas, se não se atalhar o mal em sua origem. Sai o soldado do seio da população civil e, se esta for viciada, aquele dificilmente deixará de o ser. Demais, existe uma contínua permeação entre a vida civil e a vida militar. Como admitir, assim, que, havendo por este vasto país tentadores casinos francamente frequentados pelos civis, possam os soldados ficar imunes à tentação?

Não se detenham, pois, as altas autoridades militares em meio do caminho. Envidem os seus esforços para que se erradique o terrível cancro.